

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM UBERLÂNDIA-MG: EXPERIÊNCIAS  
DE MONITORIA NA ESEBA (2014/2015)**

**MURILO ANDRADE DE CARVALHO**

**UBERLÂNDIA – MG  
JUNHO/2015**

**MURILO ANDRADE DE CARVALHO**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM UBERLÂNDIA-MG: EXPERIÊNCIAS  
DE MONITORIA NA ESEBA (2014/2015)**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

**UBERLÂNDIA – MG**

**2015**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Mestra Luciana Charão de Oliveira

---

Prof.<sup>a</sup> Especialista Roberta Rodrigues Ponciano.

---

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais  
(Orientador)

Dedicado aos meus pais que sempre estiveram presentes com fé em minhas escolhas, e a todos os colegas de trabalho e amigos que me acompanharam ao longo dessa jornada na Educação.

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo afirmar como é possível levar conhecimento para todas as pessoas, independente de suas necessidades. Descrevo em três capítulos como foi a minha experiência na Educação Especial desde Fevereiro de 2014, na Escola de Educação Básica da UFU (ESEBA), trabalhando como monitor, auxiliando o aluno Edson Ferreira Magota no 2º Ano da Educação Infantil e 1º Ano da Alfabetização Inicial, o que aprendi ao longo do curso de licenciatura e bacharelado em História na UFU e com diálogos com diversos colegas de trabalho e estudo, além de utilizar anotações, vídeos e imagens como material de apoio.

Observamos como a Educação Especial começou a ganhar notoriedade ao longo dos anos no ambiente escolar. A importância da lei de inclusão que surgiu para reafirmar o direito à educação de todos os alunos portadores de necessidades especiais, e como a sociedade está começando enxergar o assunto de uma maneira cada vez mais acolhedora e humana.

A prova de que crianças com necessidades especiais possam ter acesso ao conhecimento de várias áreas no ensino regular é um fato histórico no sistema escolar, do qual se encontra um pouco mais próximo do que nós educadores almejamos, mesmo tendo consciência de que essa realidade encontrada na ESEBA está longe de existir para muitas outras escolas brasileiras, do qual muitas crianças portadoras de necessidades especiais não recebem o mesmo apoio que deveriam ter.

Palavras-Chave: *inclusão escolar; educação especial; síndrome de down;*

**Lista de Imagens:**

Fotografia 1 – Atividade escrita realizada através de jogos de peças.....	14
Fotografia 2 – Parque de areia: Atividade recreativa.....	23
Fotografia 3 – Atividade escrita adaptada. Uso do lápis de escrever.....	32
Fotografia 4 – Atividade adaptada. Uso do lápis de escrever e lápis de colorir.....	32

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1: O Processo de Inclusão: Educação Infantil.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 2: O Processo de Inclusão: Alfabetização Inicial.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 3: Desafios aos Educadores: Incluir ou Integrar o aluno?.....</b>	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>35</b>

A Educação Especial se tornou uma grande novidade nas escolas ditas regulares a alguns anos para trás, novidade essa que faz com que todo sujeito envolvido profissionalmente ou não com o ambiente escolar perceba que o aluno com necessidades especiais, nada mais significa do que outro aluno presente na escola, que por sinal, deveria ter acesso desde tempos outrora. Lembro-me de minha infância, no meu momento como aluno na Educação Infantil, quando convivi com um colega que tinha Síndrome de Down. Pela minha idade, não conseguia compreender suas diferenças, e ouvi muitos preconceitos por parte dos pais de outros alunos, assim como dos próprios educadores presentes na creche, preconceitos que de nada ajudavam no desenvolvimento de qualquer aluno diante da situação. Com a Lei posta em prática com mais autoridade, dos estudos realizados pelos novos educadores, indicando ser crime e falta de humanidade essas crianças com necessidades especiais não possuírem o direito à educação regular, o quadro começou a se modificar. Com isso, os alunos desde a Educação Infantil passam a conviver com as diferenças de todos os colegas, de todo sujeito, a entender e a respeitar o outro, independente de suas características, e não julgá-lo pelo simples fato de não o compreender.

Para fazer parte da equipe de monitores, entrei no site da ESEBA e encontrei um edital com vagas para se trabalhar na Educação Especial. Eram oferecidas cinco vagas, um para o turno da manhã e as outras quatro para a o período da tarde. Consegui passar em 3º lugar após realizar uma prova com característica discursiva, e no mês de Março estava entrando na escola e indo para o último piso, o da Educação Infantil. Por Lavine, uma das psicólogas responsáveis pela AAE (Área de Atendimento Especializado), fui apresentado à professora Ana Paula, e ao aluno Edson, tão pequenino e divertido, e ao restante da sala, que estavam em um momento sentados no chão em roda, cantando algumas músicas infantis. Lembro-me de nunca ter me divertido tanto trabalhando com as crianças nas primeiras semanas de aula. Por não ter convivido muito com crianças antes, tive que me conter várias vezes para não rir dentro de sala de aula diante de suas interrogações, brincadeiras e travessuras. Não conseguia acreditar que crianças de 5/6 anos pudessem ser tão inteligentes e espertas.

A área da Educação Infantil e Alfabetização possuía cada uma, quatro salas de aula com aproximadamente vinte alunos cada, das quais, recentemente, abriram mais vagas para portadores de necessidades especiais. Então todas elas possuíam alunos que ingressaram na escola através desse sistema de inclusão, sejam alunos portadores de

cadeira de rodas, Síndrome de Down ou autismo. A escola sempre se apresentou a favor de deixar as crianças com necessidades especiais conviverem com os outros alunos em todos os momentos na sala de aula regular. Nunca houve necessidade de montar uma sala só para os alunos com necessidades especiais, o que, em minha opinião, acho bastante válido, favorecendo realmente a participação desses alunos ditos com “necessidades especiais” com os colegas na sala regular, nas atividades cotidianas da sociedade, a conviver e respeitar o próximo, a estudar junto com outros colegas, a fazer amigos, se apaixonar, sofrer, ser feliz, viver.

E não é só o aluno com Síndrome de Down, autista, cadeirante, que sai ganhando nessa história. O aluno dito “regular” aprende a respeitar, ser amigável e carinhoso com os portadores de necessidades especiais. O preconceito é deixado de lado mesmo que esse seja reforçado muitas vezes pelos pais ou outras pessoas que fazem parte do dia a dia do aluno, assim como acontece com os professores, estagiários e monitores que acompanham diariamente os processos dos quais a criança passa em conjunto com todos. A melhor forma de aprender é aprender juntos, e isso pude perceber todos os dias ao lado de Edson e de todos os outros sujeitos da escola. A convivência acompanhada por todos nós educadores faz com que seja construído um ambiente propício ao respeito, por mais que certas normas e regras estipuladas pela escola possam não favorecer esse processo.

Toda uma mentalidade preconceituosa começa a se modificar, os pais dos alunos começam a explicar para suas crianças quando essas lhe perguntam do por que tal colega ser “diferente”, por que ele faz isso, ou aquilo. Os educadores como estagiários, monitores e professores, presentes na escola, como no meu caso na ESEBA, sempre nos mostramos aptos a fazer com que todos os alunos se ajudem e cresçam juntos da melhor maneira possível, explicando as diferenças que possam existir em cada sujeito presente na realidade atual da sala de aula, um universo cheio de novidades.

Esse modo de enxergar o novo modelo de Educação para todos, tem influenciado bastante para o progresso do aluno em seus contextos dentro do ambiente escolar. O respeito e a tolerância passam a se mostrar mais presentes no consciente de cada um que compõe esse universo, dos quais são passados adiantes em gestos e ações realizadas por cada indivíduo que vivenciou tal experiência. Assim como qualquer

aluno, o que dizem ser “portador de necessidades especiais” também apresenta dúvidas, inquietações, soluções, facilidades e dificuldades para resolver essa ou aquela atividade.

Não existe mais porque batermos na tecla de que ele é diferente dos demais e que não consegue se desenvolver dentro da escola regular porque não acompanha a sala. Tudo é uma questão de ponto de vista, e se simplesmente fecharmos os olhos para uma questão que tem se tornado cada vez mais realidade no contexto escolar, estaremos negando o direito a educação que a criança possui. Está mais do que provado que o aluno dito portador de necessidade especial, como no caso do Edson, consegue realizar suas atividades, assim como seus colegas de sala, tanto na Educação Infantil, como na Alfabetização Inicial. O apoio dos pais, dos educadores e dos colegas mostra-se de suma importância para que o aluno vença os preconceitos ainda presentes em nossa sociedade em relação ao que ainda não conhecem e não possuem ligação alguma.

Trabalhar ao lado de Edson, das professoras Ana Paula Sores de Oliveira, Thaíza Vieira, Léa, Ana Lúcia, Paula Faria, Lara Ferreira mantendo o contato direto com a AAE (área de atendimento especializado), com as psicólogas Lavine, Maria Isabel e Priscila, além de conviver com os vários outros profissionais e alunos que fazem parte do todo na escola, fez com que meus horizontes se expandissem e pude sentir vários momentos positivos e negativos, momentos que me fizeram ter um pensamento crítico mais pensado e justificado, uma vez que a teoria muitas vezes entrava em discordância com a prática, sendo necessário investigar vários outros depoimentos e teorias para compreender o universo que agora estava fazendo parte.

Estar presente na vida das crianças do 2º período da Educação Infantil e 1º ano da Alfabetização no Ensino Fundamental tornou-me uma pessoa capaz de entender, compreender e ajudar mais ainda o próximo. A generosidade e inocência encontradas nelas fazem com que muitas questões sejam repensadas por nós, adultos, principalmente as ligadas ao carinho e amor que pude ter o prazer de compartilhar com elas. O tipo de aprendizado que temos na prática de ensino é compensatório uma vez que a cada dia te torna mais humano, pondo em cheque suas qualidades e defeitos.

O primeiro e segundo capítulos remetem às características da Educação Especial, como ela funciona na ESEBA e como aconteceu. Relatos sobre minha experiência no período de quase dois anos com o cargo de monitoria estarão inclusos,

salientando a relação que existe entre o aluno portador de necessidade especial com a escola e com todos os sujeitos que compõem o universo escolar.

No terceiro capítulo, me dispus a interligar as teorias lidas sobre a educação especial com a minha prática como monitor, enfatizando como é possível o aluno portador de Síndrome de Down, ou de qualquer outra necessidade especial, interagir com todos os sujeitos da escola, aprender, e progredir nas características hierárquicas da escola regular, educacional, de acordo com seus limites intelectuais e emocionais, como qualquer outra criança, portadora ou não de necessidades especiais.

Nas considerações finais encontra-se todo pensamento a cerca da Educação Infantil, Alfabetização, a crítica ao sistema escolar padrão e a importância de enxergar diversos caminhos na Educação através da inclusão de alunos portadores de algum tipo de deficiência, seja física ou mental, salientando a importância da coletividade e autonomia dentro do ambiente escolar, tanto quanto fora dele.

Para comprovar a pesquisa realizada com base nas experiências de monitoria em dois anos letivos na ESEBA, trabalhei com diversas fotografias e vídeos, criando um mapeamento físico do ambiente, quanto dos sujeitos que compunham esses ambientes. Além do mais importante que era registrar atividades dos alunos em grupo ou individualmente, salientando não só o conteúdo em prática, mas também as relações sociais que eram construídas.

Quanto aos conteúdos, utilizei diversas tarefas de Edson da Educação Infantil e da Alfabetização no 1º ano C, observando seus avanços, facilidades e dificuldades em cada atividade proposta pelos professores e por mim. Essas tarefas incluíam desenhos, recortes, escritas, folhas impressas digitadas, pinturas, realizadas pelo aluno com ajuda da professora, do monitor, em grupo com os colegas ou individualmente, dependendo do que era solicitado.

Durante o curso de História e monitoria na ESEBA, alguns autores foram de extrema importância para conciliar teoria e prática o máximo possível. Dentre eles destaco obras consagradas como a de Déa Fenelón, Paulo Freire, e diversos autores que publicaram artigos, dos quais podem ser encontrados no site da SCIELO<sup>1</sup>, que foram de

---

<sup>1</sup> Consultar Bibliografia.

extrema importância para a presente monografia, dos quais trataram de muitos temas específicos dos momentos do qual vivenciei na Escola de Educação Básica (UFU).

## **CAPÍTULO I**

### **O PROCESSO DE INCLUSÃO: EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nesse capítulo proponho discutir como funcionou o processo de inclusão do aluno ao longo do 2º período da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. Meu acompanhamento com Edson fez com que pudesse enxergar vários pontos positivos e muitas falhas no sistema educacional que possam dificultar o acesso (de fato) do aluno à Educação proposta pela escola. Os vários pontos positivos começam pelo fato de Edson não estar em uma sala de aula separada da regular, o que notoriamente facilita sua convivência e comunicação com os colegas não portadores de necessidades especiais, assim como ajuda os seus colegas a não alimentarem um preconceito (muitas vezes vindo de casa) de que a criança com síndrome de Down seja incapaz de conviver em sociedade harmoniosamente, ou que não consiga desenvolver as atividades propostas pelo sistema educacional.

É extremamente importante que os alunos da Educação Infantil, sujeitos que estão destinados a construir uma nova visão de mundo, construam uma nova história da sociedade uberlandense, e que possam minar seus preconceitos e aprender a respeitar e conviver com o próximo desde a infância. Encontrar no colega portador de síndrome de Down o carinho, respeito e altruísmo, é de fundamental importância para que possamos nos tornar uma sociedade mais igualitária, contribuindo para que o aluno não seja mais visto como “o garoto que possui síndrome de Down”, mas sim um sujeito que deve ser respeitado pelas suas habilidades, pelas suas dificuldades, por sua vontade de aprender isso ou aquilo, por ser humano como qualquer outra pessoa, independentemente do que os sistemas escolares pregam como padrão. Edson então, assim como seus colegas, seguia a seguinte rotina ao longo da semana no 2º período:

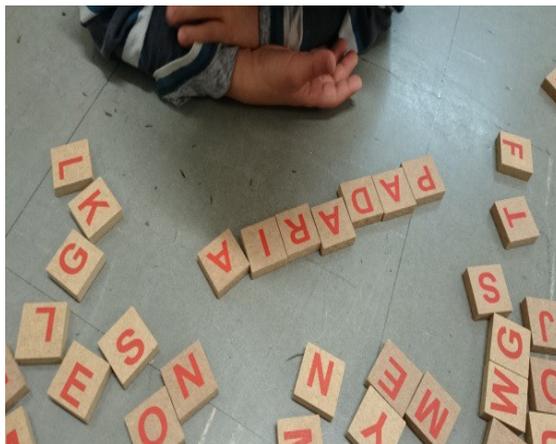
Horários	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
13h15 – 14h00	Roda	Roda	Ed. Física	Roda	Espaço Cult.
14h00 – 14h40	Atividades	Histórias	Ed. Física	Atividades	Espaço Cult.
14h40 – 15h00	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>
15h00 – 15h50	Brinquedoteca	Atividades	Atividades	Atividades	Ducha/Areia
15h50 – 16h40	Brinquedoteca	Ativ. Extra	Ativ. Extra	Ativ. Extra	Atividades
16h40 – 17h30	Pátio/Saída	Pátio/Saída	Pátio/Saída	Pátio/Saída	Pátio/Saída

Na Educação Infantil, o processo de inclusão acontecia com mais facilidade do que no Ensino Fundamental, uma vez que a carga exigida de conhecimentos específicos como Língua Portuguesa e Matemática era realizada por meio de atividades dinâmicas. Muitas vezes para ler/escrever ou aplicar uma operação matemática, utilizávamos jogos, brincadeiras, rodas de conversas e de leituras, além de trabalharmos em pequenos grupos de crianças, das quais ajudavam a melhorar a comunicação entre os alunos, principalmente para aqueles mais tímidos e para o Edson, que possui dificuldades na fala ocasionada pela síndrome (mesmo mantendo contato constante com a Fonoaudióloga). Nessas atividades práticas, era nítido que Edson era capaz de aprender junto com seus colegas, pois realizava todas as atividades no seu tempo. Por apresentar problemas na coordenação motora, muitas vezes algumas folhas de **atividades** precisavam ser adaptadas, ou seja, com letras maiores, espaços para escrever/desenhar maiores, palavras chave grifadas ou em negrito, entre outras que podemos observar nos anexos, mas nada que comprometia ou diferenciava seu aprendizado dos outros alunos.

As atividades eram montadas pelas professoras regentes no período, Ana Paula Soares Oliveira e posteriormente Thaíza Vieira, que substituiu Ana Paula uma vez que seu contrato havia expirado. Com essas atividades, a minha função era auxiliar Edson no que fosse preciso para que ele compreendesse o que era proposto nas folhas, na lousa, ou onde quer que fossem ser realizadas as atividades, das quais sempre se apresentavam bem compatíveis para crianças do 2º período, incentivando a criatividade e motivação, não sendo cansativas e enfadonhas.

Os objetivos principais das atividades propostas eram de incentivar a escrita, operações simples de matemática, o raciocínio lógico, criatividade, a comunicação e o trabalho em grupo. Dependendo do grau de dificuldade das atividades, ajudava Edson explicando para ele de uma forma mais calma, pausada e compreensível o que estava sendo proposto, e muitas vezes, quando ele se irritava amaçando a folha ou jogando o lápis no chão, adotava outras estratégias até conseguir ganhar sua atenção.

Essas estratégias eram simples, mas que requeriam muita paciência, como ajudá-lo a escrever de forma correta determinada letra, insistir para que ele fizesse uma atividade do qual não havia gostado através de brincadeiras, ou por colocar figuras para colorir que lhe interessava junto com a atividade, como o da galinha pintadinha (série de desenho animado).



**Figura 1 - Atividade escrita realizada através de jogo de peças.**

Outras maneiras de incentivar sua autonomia perante os exercícios era a de não ficar ao lado dele o tempo todo, saindo de perto para ajudar a tirar dúvidas de outras crianças, o que o fazia ter mais vontade de começar suas tarefas sozinhas, uma vez que compreendia que todos, e não só ele, precisavam da ajuda do monitor para aprender exercícios mais complexos. Em casos que não conseguia escrever direito, muitas vezes se irritava, e eu lhe ajudava segurando em sua mão para escrever suas primeiras palavras. Grande parte do tempo era dedicada ao seu nome, ao nome da professora e à data, para então começarmos a pensar no exercício. Enquanto ele não escrevia o próprio nome, não pensava em fazer a atividade. Por meio dessas repetições, alguns meses depois ele estava escrevendo sozinho, e ficava estressado quando eu, a professora ou algum aluno tentava ajudar. Nasceu a autonomia de se identificar no papel sem que ninguém mais precisasse lhe dizer isso.

Minhas funções na escola era ajudar o Edson, mas como ajudar sem proteger em excesso? Sem sufocá-lo ou priva-lo de construir sua autonomia? Como ajuda-lo dando-lhe de fato autonomia, e não lhe ensinando movimentos e atividades mecânicas que pode ser aprendido através de repetições? Como ensiná-lo a expressar e lutar por suas vontades, lutar por aquilo que gostaria de aprender na escola, a ter opinião sobre determinados assuntos?

Para melhor compreender a questão da autonomia do aluno, busquei três artigos que sustentam e que complementa o meu modo de pensar, ou seja, que também defendem a ideia do aluno ter chances de pensar criticamente e de expressar suas opiniões e vontades, por mais que o sistema regular de ensino desestimule e limite a forma de pensar livremente e criativamente. A autora Luciana Bicalho Cavanellas em

seu artigo “Psicologia e compromisso social – educação inclusiva: desafios, limites e perspectivas” dá um exemplo da proteção dada aos alunos portadores de algum tipo de deficiência, proteções excessivas que não dão a liberdade do aluno fazer suas tarefas e críticas por conta própria, principalmente quando esse é criança, indicando-nos que muitas vezes a criança precisa mais do apoio dos colegas para se sentir de fato incluído do que do monitor e dos professores.

“As crianças parecem ter uma aptidão natural de atenção ao outro, demonstrando curiosidade em relação a ele, cuidado com as suas diferenças e consideração pela sua condição de igualdade; o que neste caso pode significar o convite à participação integrada tanto em brigas quanto em brincadeiras comuns a qualquer criança”. (CAVANELLAS, Luciana Bicalho. 2000. p. 05).

A autonomia apesar de aparentar ser uma característica individual, ela só pode ser construída através da coletividade. Outro artigo que me ajudou bastante a enxergar essa questão da autonomia na coletividade é o de Bruna Kibrit, em “Possibilidades e desafios na inclusão escolar”. Em uma escola particular, Kibrit acompanha uma aluna com síndrome de Down extremamente reservada, em uma escola particular, da qual é considerada autônoma por muitas pessoas pelo simples fato de conseguir realizar atividades mecânicas, como se alimentar sozinha, fazer suas necessidades fisiológicas sem precisar de ajuda ou tarefas básicas na escola como escrever no caderno. Kibrit nos mostra como a questão da autonomia na escola e fora dela pode ser levada ao pé da letra por muitas pessoas (muitas vezes pelos próprios pais), o que prejudica de fato ao aluno pensar livre, sem as amarras e preconceito da sociedade. Uma maneira de chegar à aluna, que muito se mostrava desanimada e triste pelo julgamento das pessoas pelo seu modo de comunicar, está no desapego das práticas de ensino convencionais. Para se comunicar com sua aluna, escreviam cartas uma para a outra. Conhecendo a aluna de fato, seus desejos, opiniões e vontades, fazer as atividades escolares deixou de ser a prioridade na escola, mas sim se encontrar como sujeito que constrói história na coletividade, no grupo.

“Aos poucos passei a perceber que as demandas e o “projeto de inclusão” da escola seguiam o desejo dos pais, de que Marina passasse pelos passos “normais”

da vida, não se preocupando com a singularidade da filha. Se os pais de Marina não se preocupassem com o conteúdo disciplinar diferenciado, a escola também não se preocuparia (...). Como acreditar que Marina era realmente autônoma se quase não saía de casa? Será que jantar sozinha é ser independente? Que Marina autossuficiente esses pais enxergavam?” (KIBRIT. 2013. p.04).

Em outro artigo, o de José Sérgio Carvalho, vamos mais além. O autor dialoga com a filósofa Hannah Arendt, criticando principalmente como o sistema prioriza como autônomo o aluno que é capaz de aprender os conteúdos proposto pela escola para conseguir um bom emprego ou passar no vestibular, característica muito marcante das escolas regulares, e não o aluno que busca fazer a diferença, tentando encontrar sentidos no que é proposto pelas grades curriculares e pelas regras da escola.

A autonomia se constrói a partir do momento que o aluno se sente sujeito, parte do grupo, que tenha opinião, que seja ouvido, critique, apoie ou não determinada ideia proposta pela escola. E será que essa falta de autonomia é característica exclusivamente dos alunos portadores de deficiência? Óbvio que não. Porém, se já é difícil para o aluno que não possui dificuldade em se comunicar expressar suas ideias e críticas através da voz, imagina para um aluno com síndrome de Down que possui essa dificuldade.

Um modo de auxiliar Edson na questão da autonomia estava em ajuda-lo a se expressar no papel. Além da escrita, outras atividades que ajudavam muito com sua coordenação motora era o de colorir desenhos. Ao longo do 2º período, colorir era uma grande dificuldade, o que muitas vezes lhe deixava triste, uma vez que via seus colegas colorindo e deixando os desenhos tão bonitos e de acordo com os padrões exigidos. Insisti para que ele pintasse do jeito dele, ajudando sempre aos poucos preencher os espaços em branco dentro dos contornos, para que ele pudesse se sentir mais contente com a arte que estava fazendo. O esforço foi satisfatório. No começo, só usava uma cor de sua preferencia, o laranja, fugindo muitas vezes do espaço dito adequado para se colorir. Ao longo de dois anos, começou a utilizar diversas cores diferentes além de colorir os desenhos como o padrão exigia. Suas habilidades foram melhorando, o que refletiu posteriormente no modo de escrever e de se encontrar no papel.

Porém, enquanto Edson apresentava dificuldades de escrever, nesse tempo utilizamos de outros recursos para que ele pudesse registrar seus aprendizados. Um deles era feito através de colagem de letras ou palavras. Ele lia o que estava escrito em pequenos papeis, depois juntos, colávamos formando palavras ou frases, das quais eram lidas por ele depois (mesmo sendo muito difícil por apresentar dificuldades na fala), para que compreendesse o que tinha formado. Também utilizávamos de pecinhas com letras para que ele pudesse ir montando-as. Mesmo que não falasse inteiramente as palavras formadas, valia a pena pelo seu esforço de querer pronunciá-las, o que incentivava mais ainda sua necessidade de se comunicar com os outros e mostrar o que tinha feito ou pensado.

Além das atividades propostas em sala de aula, aconteciam diariamente as **rodas de conversa**, que consistiam em montar a rotina do dia, conversar sobre um tema socioeducativo específico, ler o diário da sala (toda sexta-feira o caderno de diário da sala era levado por algum aluno para contar, na segunda-feira, como foram realizadas as atividades ao longo da semana) vez ou outra fazer alguma brincadeira ou conversar sobre curiosidades vistas por eles nos espaços além dos muros da escola. Mas o que mais me chamava atenção eram as músicas. Edson simplesmente adorava e se expressava o máximo que conseguia para cantá-las. Ele simplesmente adorava todas elas, principalmente a música “Festa na Floresta”, tema que deu origem ao nome da turma escolhida por votação pelos próprios alunos, a “Turma do Macaco”

“O macaco da Floresta, resolveu dar uma festa  
 convidou a bicharada, pra varar a madrugada,  
 fez um bolo de banana, com farinha e jiló,  
 todos os bichos que comeram, na barriga deu um nó,  
 a girafa coitadinha, nem podia se mexer,  
 O leão deu nó no rabo, fez a terra estremecer: ARRRG!  
 O cavalo deu um coice, na traseira do leão,  
 E o coice foi tão forte, que ele foi parar no Japão.  
 Hie-hie-hie, hie-hie-hie, hie-hie-hie, hie-hie-hie”  
 Festa na Floresta (Domínio Público).

Para além do espaço da sala de aula, pretendo falar também sobre os outros espaços que eram trabalhados outros conhecimentos, com outros professores. Toda

segunda-feira havia duas horas-aulas destinadas à **Brinquedoteca**, espaço do qual muito me agradava, configurado com inúmeros brinquedos, jogos, móveis de plástico, músicas infantis, fantasias de super-heróis e princesas.

Tive o prazer de trabalhar ao lado da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia, formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia, da qual me dava muitos conselhos e ideias sobre a inclusão e como trabalhar brincando com os alunos. Nesse espaço, normalmente era realizado a roda de conversa, que era basicamente dialogar sobre como havia sido o final de semana, seguido de brincadeiras como “batata quente” ou “telefone sem fio”<sup>2</sup>, e logo após isso os alunos eram liberados para escolherem fantasias e navegar nos diversos “ambientes” da brinquedoteca. Edson participava das brincadeiras, mas, muitas vezes tinha que traduzir o que ele falava (ou tentava falar) para os outros colegas, principalmente na brincadeira do telefone sem fio, mas, mesmo tendo dificuldade de se expressar, não houve dificuldades em interação com os outros alunos, principalmente com a amiga Lara, garota que se mostrava sempre tímida e muita carinhosa com ele.

Após escolher sua fantasia preferida com bastante afirmação, a da Galinha Pintadinha (mesmo tentando jogar a ideia de variar as fantasias), Edson, com sua amiga Lara, disparava para a “cozinha”, e brincava teatralizando o que mais gostava de fazer: comer. Algum tempo depois passou a “cozinhar” e preparar os pratos, lanches e sucos dos outros colegas que ali se encontravam, sempre com muito bom humor. Muitas vezes eu intervia brincando junto com ele e com outros alunos, para facilitar as brincadeiras entre si, sempre chamando um coleguinha ou outro para fazer essa ou aquela brincadeira em grupo, tentando nunca deixar Edson brincando sozinho na maior parte do horário, o que fez com que ele pudesse chamar outros colegas para brincar junto. A colega Lara foi muito atenciosa com ele nesse processo, ajudando também na comunicação do Edson com as outras crianças, favorecendo um ambiente de harmonia. Além dos

---

<sup>2</sup> Batata quente é uma brincadeira da qual os alunos sentam-se em roda, escolhendo um objetivo pequeno que lhe caibam nas mãos, e, como se fosse uma batata quente, dizem em voz alta “batata quente, quente, quente, quente...”, até que alguém escolhido dê o comando e diga “queimou”. A pessoa que ficar com a batata quando queimada era escolhido para falar sobre o final de semana. O telefone sem fio também é feito em roda. Um aluno(a) escolhido pelo professor(a) diz uma palavra ao colega ao lado, do qual tem que repeti-la para seu outro colega do outro lado. Quando todos já tiverem dito a palavra no ouvido do colega ao lado, a pessoa que começou a atividade dirá se distorceram o que ele disse ou se chegou do jeito que ele tinha falado. Ex.: O primeiro diz “computador” e no último aluno escuta-se “apontador”.

brinquedos, o seu corpo expressava o quanto se sentia feliz com as músicas de fundo que tocava na brinquedoteca, das quais muitas eram cantadas nas rodas de conversa.

Com um projeto montado pelas professoras da Educação Infantil, toda terça-feira ocorria a “**Contação de Histórias**”, às 14 horas. Cada semana uma professora ficava responsável por apresentar as histórias em sua sala regente, e todos os outros alunos do 2º período da Educação Infantil eram convidados a participar, lotando a sala de aproximadamente 80 alunos, dos quais sentavam no chão, nas cadeirinhas, ou em onde coubessem. Improvisava-se um palco onde seria contada uma história infantil por meio de teatro de fantoches, com os próprios professores ou raras vezes pelos próprios alunos, uma vez que o tempo na escola não ajudava muito para que pudessem estudar e trabalhar como atores, a não ser no Espaço Cultural, do qual abordarei mais adiante.

Edson muitas vezes se sentia perdido, creio que por não entender algumas frases ou histórias lidas pelos professores. Era muita informação para se compreender toda a história, porém, os recursos visuais, principalmente quando se usavam fantoches, ajudavam com que prendessem sua atenção, fazendo com que ficasse feliz, intrigado, satisfeito ou ansioso pela história que ali estava sendo contada e mostrada. Quando percebia que não estava interessado, normalmente quando começava a querer brincar com outra criança, deixando de prestar atenção no teatro improvisado, sentava ao lado dele ou punha-o no colo, apontando, falando e mostrando o que estava acontecendo, tentando fazer com que sua atenção voltasse de novo para o que estava sendo trabalhado. Depois que a contação de histórias terminava, os alunos voltavam todas para suas respectivas salas e se dirigiam em fila ao recreio, para depois voltarem e trabalharem uma atividade relativa à história que foi contada.

Para Edson, trabalhar com uma atividade que exigia memorização, crítica social e conjunto de acontecimentos era bem mais complicado do que era para as outras crianças. Explicar, por exemplo, que o Lobo Mau era malvado e que a Chapeuzinho Vermelho era inocente, exigia um grau de concentração muito maior do que utilizávamos nas outras atividades de características mais mecânicas. Os outros alunos participavam da discussão apontando suas críticas, principalmente na Educação Infantil, onde o tempo e foco eram concentrados mais no que o aluno era capaz de pensar do que no que ele era capaz de reproduzir no papel, diferentemente da alfabetização. Alguns alunos preferiam personagens de características parecidas com as suas. Nem toda

criança gostava de ser o mocinho da história ou o personagem principal. Em outras ocasiões defendiam atitudes de vilões como o do Lobo Mau.

Lembro-me uma vez de perguntar para os alunos por que o lobo era mau, sendo que era da natureza dele se alimentar, só para ver como o pensamento iria se desdobrar. Vendo que se sentiram pensativos em relação à pergunta, acrescentei mais, uma vez que o sentido de bom e ruim esteja tão pré-estabelecido pela sociedade de heróis e bandidos. “Será que o lobo é mau pela sua natureza ou porque o papai lobo o ensinou a caçar”? Percebi que muitas vezes demoravam em responder, principalmente porque a noção do que era bom e do que era ruim já estava impregnado fortemente em suas críticas.

Meu desafio maior era prender a atenção de Edson e tentar fazer da atividade algo divertido, montava pequenas histórias em quadrinhos para colorir, além de fazer várias mímicas para lhe mostrar como tal personagem estava se sentindo em cada momento ou o que estava fazendo. Para chegar ao nível crítico que havia chegado com os outros alunos, era necessário muito mais esforço, uma vez que a comunicação entre nossos pensamentos era muito mais difícil de estabelecer, principalmente porque Edson muitas vezes não dava respostas a algo que lhe perguntava, e quando dava, sempre muito curtas. Como passar o conhecimento da história como passei aos outros alunos? Era impossível. A inclusão no caso, não está no que ele consegue fazer como os outros colegas conseguem, mas sim, o seu modo de fazer ao seu tempo. Exigir tal complexidade de histórias infantis seria ir contra a inclusão. Dizer que Edson não era capaz era a mesma coisa de dizer que ele não deveria estar ali por conta das atividades proposta pelo currículo. Fazia-se as atividades de acordo com seus limites.

Muitas vezes sinto que várias ideias foram passadas despercebidas pelo fato dele ainda não conseguir distinguir certos momentos de outros, e por ter uma memória que exige mais imagens do que palavras, mas não era isso que iria deixá-lo de entender as histórias. Mesmo que não pudesse pegar todas as ideias oferecidas por essas histórias contadas, pelo menos um pouco que era possível absorver, Edson absorvia, sempre se mostrando bem interessado, principalmente quando a história possuía personagens do qual gostava.

Nos horários da **Educação Física**, em companhia da professora *Lara Ferreira*, o acompanhei ao longo de todo o 2º período da Educação Infantil até metade do 1º ano do Ensino Fundamental, quando deixei de ser requisitado para ajudá-lo em suas atividades

físicas pelo estagiário da área, *Afonso*, estudante de Educação Física. Havia exercícios diários dependendo do período em que eram trabalhados. Ajudava-o em atividades como a de equilíbrio, pular corda, jogar a bola no alvo ou chuta-la, danças e jogo de queima. Grande parte do tempo, Edson ficava correndo na quadra em busca de passarinhos, ou simplesmente pelo fato de querer correr para que eu pudesse pega-lo. A clássica brincadeira do “pega-pega”.

“A atividade física na escola tem proporcionado não só a crianças normais como também as crianças portadoras de necessidades especiais, um grande desenvolvimento global que será a base para as demais aquisições. O resgate da importância do corpo e seus movimentos, o conceito de vida associado a movimento, a retomada do indivíduo como agente vivo na construção de sua história, proposto pela educação física”. (SILVA, Roberta Nascimento Antunes. 2002. p. 10).

Sair para tomar água se tornava constante quando deparava com uma atividade que exercia um maior esforço físico de sua parte, do qual fui evitando aos poucos deixá-lo ir para que pudesse interagir assim como as outras crianças estavam interagindo com o exercício proposto. Suas dificuldades motoras mostravam-se gritantes, o que foi levado muitas vezes como tema de discussão para se pensar no que poderíamos fazer para melhorar essa situação. Ao longo do tempo, fomos percebendo que o melhor era deixá-lo fazer os exercícios ao seu tempo, sem jamais forçá-lo, o que poderia criar um desinteresse pelo fato de não realizar as atividades assim como as outras crianças estavam realizando, claro, que também, com seus variados graus de dificuldade.

Outro espaço de aprendizado pedagógico bastante interessante que podemos encontrar no corredor da ala da Educação Infantil, é o **Espaço Cultural**. Todas as sextas-feiras acompanhava Edson a essa sala tão variada de ideias, e trabalhava dessa vez ao lado da professora *Paula Faria*, exemplo de criatividade, da qual passava para as crianças diversas atividades diferentes ao longo do ano. Nesse espaço trabalhávamos bastante com vídeos, pinturas, dança e teatro e com temas sociais como o dos povos indígenas, da qual por sinal, fui convidado pela Paula para apresentar uma aula, do qual

procurei explorar muitos recursos midiáticos para prender a atenção das crianças de forma mais suave, mesmo abordando questões mais complexas de direitos humanos, respeito pela natureza e pela diversidade cultural.

Como historiador sentia-me mais próximo da profissão no Espaço Cultural, onde se trabalhava questões que aprendi ao longo do curso de História, e que agora repassava aos alunos, filtrando as complexidades de determinados assuntos. Para Edson, a dificuldade de se fazer um pensamento crítico nas aulas era tão complexo quanto na contação de Histórias. Porém, por ser um espaço que exigia atividades práticas como a pintura, o desenho, o uso do corpo para danças e participar de uma peça de teatro, notoriamente era mais interessante para Edson, e combinava mais com a educação da qual Paula transmitia a seus alunos. A diversão e criatividade, além de ter o contato com o que não se tinha na sala de aula padrão, tornavam as sextas-feiras bem mais divertidas tanto para Edson quanto para seus colegas.

Outro espaço colocado na rotina dos alunos estava o da **recreação**, do horário das 14h40 até as 15h00, em que todos os alunos da Educação Infantil desciam as escadas para ir ao ambiente de alimentação, do qual foi modificado no 1º ano do Ensino Fundamental, que passou a ser das 15h00 até as 15h30. Edson adorava comer os lanches oferecidos pela escola, que era basicamente, dependendo do dia, arroz a grega, macarrão a bolonhesa, sanduíche de carne, frutas, bolo, leite achocolatado e nunca se mostrou resistente a eles, a não ser quando era arroz doce. Sempre quando estava com vontade de comer algo, ajudava-o a pedir a algum colega, e muitos colegas compartilhavam lanche com ele, uma vez que incentivávamos a boa convivência e generosidade. Após se alimentar, jogava o lixo em seu devido lugar, lavava a boca e saía para brincar no **pátio**. Brincar no pátio era o que as crianças da Educação Infantil mais gostavam, tanto é que o horário final na Educação Infantil era dedicado a isso, para depois subirem para a sala de aula e se organizarem para os pais buscarem.

No pátio, Edson se descobria através das brincadeiras e contato com crianças não só da sua sala de aula, mas de outras também. O incentivava a perder o medo de subir nos brinquedos e a perder o medo de altura (esse medo sempre se mostrou constante nele), incentivava-o a correr com as outras crianças, a descer o escorregador, e todas as outras infinitas possibilidades de brincadeiras que o parquinho no pátio poderia

oferecer a ele e às crianças ao seu redor. Além do pátio, nos dias de sexta-feira havia dois horários dedicados ao **parque de areia** e a **ducha**.



**Figura 2 - Parque de areia. Atividade recreativa.**

Ótimas ideias oferecidas pela escola para incentivar mais brincadeiras e mais diversão, porém, a ducha foi cancelada para o racionamento de água a partir de 2015, o que fez grande falta para Edson e para todos os alunos que não se sentiam muito satisfeito com o calor de Uberlândia. Assim como no parquinho do pátio, Edson sempre se mostrou bem enérgico e divertido nesses ambientes recreativos, nunca entrando em desacordo com seus colegas, sempre se mostrando uma criança extremamente carinhosa e amável com todos na escola, principalmente quando estava se sentindo muito feliz.

## **CAPÍTULO II**

### **O PROCESSO DE INCLUSÃO: ALFABETIZAÇÃO INICIAL**

A partir do ano de 2015, quando Edson termina o ciclo da Educação Infantil e passa para a Alfabetização, meu trabalho como monitor ao seu lado continua, e juntos, sentimos as mudanças que acontece quando se muda a rotina e determinadas atividades. O grau de dificuldades das tarefas apresentadas pelos métodos de ensino formulado pelas pedagogas do Ensino Fundamental pegam Edson e seus colegas de surpresa. A rotina muda, o foco principal passou a ser alfabetizar, e, em comparação à Educação Infantil, pouco se falava ou pensava em temas importantes que rodeiam o Imaginário de nossa sociedade brasileira. Mais uma vez, José Sérgio de Carvalho nos mostra como

esse modo de se educar nas escolas tem deixado os grupos homogêneos, dificultando mais ainda a interação de Edson com os outros colegas:

“Uma escola que tenha como objetivo maior – e, portanto, como critério máximo de qualidade – a aprovação no vestibular pode buscar a criação de classes homogêneas e alunos competitivos, o que dificulta a oportunidade de convivência com a diferença e reduz a possibilidade de se cultivar o espírito de solidariedade. Assim, as “competências” que definiriam a “qualidade” em uma proposta educacional significariam um fracasso – ou ausência de qualidade – em outra.” (CARVALHO, José Sérgio. 2010. p. 04).

As rodas de conversas se tornaram cada vez mais difíceis de acontecer e as músicas infantis deixaram de existir. Enquanto no ano passado os alunos os alunos se dedicavam a uma atividade por dia, nesse período passaram a ter três. Edson, que normalmente demorava um tempo maior para realiza-las, muito por conta de sua coordenação e difícil compreensão quando se tratava de temas mais complexos, passou a aguentar um forte nível de pressão. Podemos notar um pouco disso a partir do novo quadro de rotina formulado:

Horários	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
13h00 – 14h00	Brinquedoteca	Atividades	Ed. Física	Atividades	Atividades
14h00 – 15h00	Atividades	Histórias	Ed. Física	Atividades	Atividades
15h00 – 15h30	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>	<b>Recreio</b>
15h30 – 16h30	Atividades	Informática	Artes	Atividades	Areia
16h30 – 17h30	Atividades	Atividades	Atividades	Filosofia	Massinha

Podemos notar pelo quadro de rotina o quanto o número de atividades aumentou, a ausência do Espaço Cultural, a do pátio nos últimos horários, o tempo diminuído do parquinho de areia, assim como o da Brinquedoteca. Manteve-se a contação de histórias e a Educação Física, e adicionaram três horários de aulas diferentes. O de artes com a professora *Mariza*, o de Filosofia com o professor *Rones*, e o de Informática, com a professora *Fernanda Quaresma*.

Como já dito anteriormente, a partir da metade do ano de 2015 deixei de acompanhar Edson nos horários da Educação Física, não notando nesse período muitas mudanças em relação ao que era no ano passado, a não ser pelo fato do Edson ter ganhado mais coordenação motora, principalmente nos exercícios de equilíbrio. Na Brinquedoteca ainda acompanhei-o durante um tempo com a professora *Núbia*. Passava a maior parte do tempo fazendo anotações em relação ao comportamento do Edson com outros colegas, até Núbia ser substituída por *Bruna*. A professora Bruna e eu entramos no mesmo consenso. Não era mais necessário estar presente no horário da Brinquedoteca, uma vez que Edson conseguia brincar muito bem sozinho com seus colegas. A minha ausência a partir daí fez com que ele tivesse mais liberdade para brincar com os colegas sem que tivesse em mente que eu deveria estar presente para suas brincadeiras acontecerem. Edson começa a se tornar uma criança mais independente com o passar dos dias, refletindo também em suas idas ao banheiro e ao bebedouro, em que passei a não ter que acompanhá-lo todas às vezes, mas apenas quando demorava demais para voltar para a sala.

Com essas atividades básicas, Edson aos poucos passou a dialogar, mesmo que pouco com seus colegas, nas idas ao banheiro sem que eu precisasse traduzir aos outros o que ele estava falando, no parquinho, entre outros ambientes mais sociáveis do que a sala de aula regular. Na brinquedoteca, suas vontades ficaram mais nítidas com seus colegas, que por sua vez passaram a compreender melhor que Edson era um aluno que, assim como os outros, sentia vontades, tinha ideias e que podia muito bem organizar suas brincadeiras em grupo (como por exemplo, fazer o almoço na mesa de brinquedo ou no fogão e entregar aos colegas como um bom anfitrião).

Com a contação de histórias não houve mudanças, continuava a mesma ideia da do ano anterior, assim como na brinquedoteca. O modo de formular as atividades em relação à contação de histórias continuava também o mesmo, sem necessidades ou outras ideias para serem discutidas. A novidade estava nas aulas de Artes, nas de Filosofia e nas de Informática. Nas aulas de **Artes**, todas as quartas-feiras após o recreio, dizia para Edson subir para a sala da “tia Mariza”, conseguindo assim compreender que não deveria voltar para a sala de aula regular, mas sim para a sala de Artes. Sempre esbanjando bom humor entre seus colegas e a professora, só se irritava quando não conseguia realizar atividades que exigiam um maior nível de concentração e coordenação motora. Apesar de adorar pintar, devido a sua coordenação motora, Edson

possuía grandes dificuldades para pincelar nos lugares adequados que eram pedidos, ou da forma que era pedido, porém, não deixava de querer pegar o pincel sozinho, passar na tinta e colocar no papel, claro, na sua maneira.

Aos poucos, eu a professora Mariza, sempre muito atenciosa com ele, fomos o ajudando instruindo-o aos poucos, ajudando-o a completar as atividades propostas, mesmo quando sua atenção se voltava para o ventilador da sala que possuía uma gota de tinta cor de rosa. Às vezes se entevia tanto em observar o ventilador, que não conseguia voltar a atenção para a sua atividade enquanto não desligasse o aparelho, mesmo nos dias que o calor estava insuportável. Apesar de sua falta de atenção e desinteresse pela dificuldade motora, Edson sempre terminou suas tarefas, assim como seus colegas, colocando-as sempre dentro de uma pasta que deixava na sala da professora.

Nas aulas de **Filosofia** as coisas foram mais difíceis de serem trabalhadas. Enquanto nas aulas de Artes havia os exercícios mecânicos de pinturas, dobraduras, colagens, entre outros, nas aulas de Filosofia existia o pensamento crítico, as narrativas mitológicas, os desafios para se pensar. Como passar esse tipo de conhecimento tão complexo para um aluno que, no final do dia, só pensa em ver sua mãe novamente para chegar em casa, comer pão de queijo e assistir o programa do Chaves? As quintas-feiras se tornaram as mais duras tanto para o Edson quanto pra mim, que me esforçava ao máximo para passar o máximo de conhecimento trabalhado em sala pelo professor Rones. Além de o conhecimento proposto pelos currículos escolares regulares serem muito complexos para Edson, ele também contava com uma boa dose de exercícios de Língua Portuguesa e Matemática nos horários que antecediam o da Filosofia. É preciso uma mudança nos currículos escolares e no modo de se trabalhar o todo, uma vez que as atividades não podem exigir mais os mesmo mecanismos para serem trabalhadas por todos os alunos. Dependendo de sua dificuldade, a atividade pode se mostrar injusta uma vez que não dá condições para que o aluno a realize segundo suas capacidades e limites de discernimento.

“Superar o sistema tradicional de ensinar é uma propósito que temos de efetivar com toda a urgência. Essa superação refere-se ao “que” ensinamos aos nossos alunos e ao “como” ensinamos, para que eles cresçam e se desenvolvam, sendo seres éticos, justos, pessoas que terão de reverter uma situação

que não conseguimos resolver inteiramente: mudar o mundo e torna-lo mais humano. Recriar esse modelo tem a ver com o que entendemos como qualidade de ensino”. (MANTOAN. 2003. p. 61).

Como exigir de um garoto portador de síndrome de Down, exausto pelas atividades que já aconteceram no dia, pudesse pensar criticamente sobre questões complexas do passado e do presente? Era um absurdo. O acompanhava mais pelo fato de poder colorir algum desenho nas aulas ou escrever alguma palavra mais difícil. Era impossível exigir muito mais do que isso, e se o fizesse, certamente não estaria ensinando nada ao aluno, estressando o garoto apenas para dizer que estava sendo incluído. A inclusão estava mais no fato dele estar na aula junto com os colegas do que decorar ou absorver o que era pedido nas aulas de Filosofia, uma vez que as questões estavam além de seu tempo e amadurecimento e a duração da aula não ajudando para que fossem trabalhadas com o máximo de calma possível.

Já nas aulas de **Informática**, diferente das de Filosofia e Artes, Edson não apresentava nenhuma dificuldade. Conseguia digitar palavras com muito mais facilidade do que os outros colegas, assim como resolver alguns jogos do qual gostava bastante. A coordenação motora apenas dificultava no momento de manusear o mouse, do qual venceu essa barreira em questão de dias e logo já estava clicando nos lugares certos com mais habilidade do que poderia imaginar.

Os alunos passavam a maior parte do tempo brincando com os jogos educativos oferecidos pela professora Fernanda, do qual trabalhavam bastante o raciocínio lógico, a matemática e a língua portuguesa. Edson sempre adorou as aulas de informática, principalmente porque se sentia tão capaz quanto os outros coleguinhas de utilizar o computador. Mais uma vez a tecnologia servindo para acrescentar mais possibilidades na Educação.

Quanto aos novos exercícios propostos na sala de aula regular, digo apenas que o número deles aumentou drasticamente, assim como o grau de dificuldade. Guardo minhas observações e opiniões para o Capítulo III, do qual discutirei como as mudanças de ciclos do ensino possam influenciar o desempenho do aluno, no meu caso, entre a Educação Infantil e a Alfabetização Inicial, principal crítica para essa pesquisa.

### **CAPÍTULO III**

#### **DESAFIOS AOS EDUCADORES: INCLUIR OU INTEGRAR O ALUNO?**

No que puder perceber na ESEBA em relação às outras escolas do município e do Estado, prioriza-se a ideia de inclusão escolar, e não de integração. Na integração escolar, o aluno possui o direito de estar dentro do ambiente da escola, porém, não participa de todas as atividades e muitas vezes não está presente na sala de aula regular, mantendo-se numa sala dita “especializada” com outros alunos com diversas outras deficiências. Na integração, o aluno está fisicamente no ambiente escolar, mas criticamente e psicologicamente fora. O contato com os alunos considerados “normais” é bem mais raro do que na educação inclusiva. Separa-se então não só os alunos regulares dos deficientes, mas também os professores.

No ambiente de educação integrada, o professor que dá aula em uma sala cheia de alunos deficientes físico e mental é considerado por muitos colegas de trabalho como especialista, muito pela sua experiência e estudos na área, enquanto o professor que está

na sala de aula regular muitas vezes se sente incapaz de estar presente na sala de aula “especial”), muito pela falta de experiência com as crianças portadores de deficiência, quanto pela separação que é feita pela própria escola entre os capacitados e não capacitados.

A inclusão engloba todos os problemas, diferenças e trajetórias de cada aluno deficiente, e o coloca junto com todos os sujeitos que compõem o ambiente escolar, dando-lhe a oportunidade de se sentir parte do todo, e não só a uma sala específica da escola, possibilitando-o enxergar os diversos universos e conhecer mais a fundo os colegas e profissionais da escola, deixando-o mais próximo de se incluir na sociedade.

“Os movimentos em favor da integração de crianças com deficiência surgiram nos Países Nórdicos, em 1969, quando se questionaram as práticas sociais e escolares de segregação. Sua noção de base é o princípio de normalização, que, não sendo específico da vida escolar, atinge o conjunto de manifestações e atividades humanas e todas as etapas da vida das pessoas, sejam elas afetadas ou não por uma incapacidade, dificuldade ou inadaptação” (MANTOAN, 2003. p. 21).

A inclusão de fato no ambiente escolar torna-se um avanço muito maior do que aumentarmos o preconceito criando uma sala para pessoas com necessidades especiais. Sinto que, se não integrarmos os alunos de fato nas salas de aula regular, estaremos aumentando ainda mais o preconceito de que pessoas com portadores de necessidades especiais sejam incapazes de conviver em sociedade e vencer os desafios da vida com autonomia.

O aluno na inclusão está diretamente ligado aos direitos que todos os outros colegas também possuem: a mesma educação. Mas, será que todos os professores do ensino regular estão preparados para acolher o aluno portador de necessidades especiais? Será que as escolas estão de fato preparadas para acolher os alunos com deficiências? No caso da ESEBA, sim. Há toda uma equipe de monitores que trabalham em conjunto com os professores, reuniões com as psicólogas e todos os professores de

salas regulares ou não, além dos recursos físicos, como jogos interativos, salas de aula em excelente estado etc, diferentemente do que se é visto nas escolas do município e do estado que não possuem tantos recursos físicos quanto diálogo entre os profissionais de diversas áreas. Quanto ao professor não estar preparado, é questão de formação e experiência docente. A educação inclusiva deve ser agora levada a sério não só nas escolas, mas nos currículos acadêmicos de licenciatura para que os professores de hoje não se sintam perdidos ou sozinhos com esses novos modos de se enxergar a educação de fato para todos, uma vez que a inclusão escolar demorou para ser lei, e ainda, em muitas escolas, apresenta-se lenta, como a maioria das nossas políticas públicas.

Cabe à escola modificar seus sistemas rígidos, que priorizam conteúdos específicos (não que não sejam importantes), mas sim, priorizar conhecer e de fato incluir seus alunos, seja eles da educação especial ou não. Assim, seria mais humanamente possível conciliar o ensino e métodos dos professores com seus alunos especiais, uma vez que a carga de conteúdos (muitas vezes passados batidos por não possuir métodos apropriados para executar a atividade em determinado tempo exigido) possam dar lugar e ênfase à educação que alunos, professores, psicólogos almejam. Uma educação que não seja imposta, mas sim dialogada, compreendida, mutável.

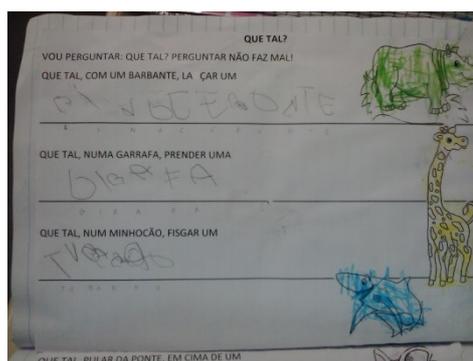
Mesmo com a questão legal, oferecendo de fato o direito do aluno à escola regular, há algo que ainda se faz presente, o preconceito, do qual tem perdido espaço quando cada vez mais se torna claro a importância do aluno com necessidades especiais estar incluso no sistema regular de ensino. Nós como educadores precisamos estar alerta para cada opinião dita pelos pais, alunos e pelos próprios colegas de trabalho. Apesar do direito dessas crianças fazerem-se forte com a lei, elas não estão isentas das generalizações e dos estereótipos.

Desconstruir essas visões tão antigas e longe de leituras sobre o tema acaba-se por se tornar automático uma vez que você está familiarizado com a educação especial. Fazer parte da educação do aluno não está apenas no fato de lhe ensinar conteúdos, mas sim lhe defender contra a ignorância encontrada dentro do próprio ambiente escolar. Pelos alunos, muitas vezes trazida de casa pelos pais. Pelos educadores, muitas vezes trazida da vida e pela falta de consideração ao próximo.

No primeiro ano na ESEBA, na Educação Infantil, tinha lido textos e estudado o tema da Educação Especial, mas sem de fato, ter tido contato com os alunos. Muito do

que aprendi foi nesse ano, do qual levei todos os meus aprendizados para garantir uma educação melhor ainda no próximo ano que viria. Na ESEBA, a Educação Infantil está de fato ligada às questões de inclusão. Parecia que todos os professores haviam estudado e trabalhado com o tema várias vezes. Recebia diversas dicas, das quais foram de extrema importância para que pudesse garantir bons métodos de ensino ao aluno especial, além dos ensinamentos de Ana Paula, professora regente daquele momento, sobre como, principalmente, adaptar atividades.

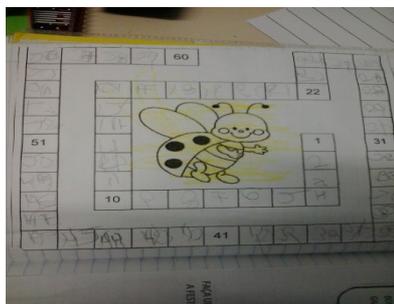
Diferentemente do que acontecia na Educação Infantil, no 1º ano da Alfabetização, Edson e eu pudemos notar o aumento das atividades a ser realizado dentro da sala de aula regular, o que lhe deu grande desgaste emocional. Não recebi várias dicas como recebia na Educação Infantil, não ouvia as professoras falarem sobre o tema da inclusão, e quando ouvia, era em reuniões em conjunto com a Psicologia Escolar, que debatia o tema com mais frequência. Agora a responsabilidade havia se tornado maior. Observando que muitas atividades não eram de fato adaptadas para Edson, e algumas delas exigindo um grau de concentração e foco que eram extremamente desgastantes ao aluno, comecei a tomar participar mais da elaboração das atividades. Com o auxílio da professora regente na Alfabetização, perguntava sobre as atividades propostas, instigava ao máximo que podia para tentar fazer algo diferente, algo que atendesse de fato as necessidades do aluno, jogava minhas ideias, uma vez que já conhecia o aluno que acompanhava tão bem.



**Figura 3 - Atividade escrita adaptada. Uso do lápis de escrever.**

Construíamos as adaptações para Edson, para que, em seu modo de executar as tarefas, chegasse aos mesmos objetivos propostos nas atividades dos outros colegas. Por vezes, no final do ciclo da alfabetização, não precisávamos mais adapta-las, uma vez que o aluno já havia conseguido realizar as atividades de costume. Por repetição, sua

coordenação motora melhorou, conseguindo escrever as letras em cima das linhas, além de deixar as palavras mais legíveis, e ler o que se pedia o enunciado.



**Figura 4 - Atividade adaptada. Uso de lápis de escrever e lápis de colorir.**

Certamente num futuro próximo será capaz de realizar provas, ler textos e escrever suas próprias ideias. O aluno portador de deficiência passou por um processo tão rico de conhecimentos que de fato chegaram até ele, que alcançou todos os objetivos propostos pelos professores, assim como seus colegas, graças ao trabalho das professoras, psicólogos, estagiários e monitor, ou seja, de uma equipe bem preparada para que isso fosse possível. A união dos profissionais faz com que a inclusão ocorra em todos os ambientes da escola, prevalecendo o intuito altruísta. Por mais que algum profissional não esteja muito por dentro do que ocorre nas discussões sobre a Educação Inclusiva, ela está acontecendo, e por isso, é inevitável que todos comecem a pensar, e a torna-la de fato uma educação que dê direito a todas as crianças terem acesso à Educação, e não só fisicamente, mas como sujeito, como aluno, e principalmente como ser humano capaz de realizar seus sonhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta toda a experiência ao longo de dois anos em todos os ambientes da ESEBA, uma das principais características da pesquisa foi conseguir conciliar o máximo possível da teoria proposta pelos autores citados tanto ao longo do trabalho quanto na bibliografia. Ter como base textos de pessoas que já passaram ou que trabalham na Educação Especial nos conforta e nos mostra que não estamos sozinhos na pesquisa que está sendo realizada cotidianamente, seja por meio escritos, dialogados, pensados e repensados, junto com toda a equipe de educadores.

Conseguir trabalhar e levar conhecimentos tão regularizados de forma clara ao aluno Edson era uma das minhas principais funções proposta pela escola, e uma das mais difíceis a serem executadas, uma vez que a metodologia e tempo mostravam-se totalmente fora do que se era pedido como regular, em diversos momentos do cotidiano escolar. Deixa-lo a vontade com suas atividades e ao mesmo tempo autônomo exigia paciência e concentração, algo que uma criança tão pequena sempre estranha, que muitas vezes me levava a utilizar diferentes metodologias e práticas de ensino, como visto nos capítulos anteriores.

Mesmo sendo um trabalho cansativo e desgastante, se ganha em compensação pela emoção de vê-lo progredir junto com a sala, aprendendo os conteúdos propostos e fazendo de fato, parte do todo da sala de aula. Um dos momentos mais felizes que pude vivenciar era ter percebido que Edson no final do 1º ano conseguia escrever palavras e frases inteiras, além de escrever o nome de todos os colegas.

Considerando todo o esforço e desafio em ensinar e aprender com Edson e a cobrança do sistema regular de ensino, as batalhas travadas todos os dias a favor da inclusão em todos os momentos, posso dizer claramente que foi de extrema satisfação, levando o máximo possível de amizade aos alunos, ao Edson que sempre esteve mais perto, e a mim no papel de monitor junto com todos os amigos que fiz ao longo desse processo socioeducativo.

### BIBLIOGRAFIA

- PUESCHEL, Siegfried. **Síndrome de Down: Guia para Pais e Educadores**. Org. Ano:1993 Editora: Papyrus. Tipo: seminovo/usado. Espaço do Livro SP - São Paulo.
- SILVA, Roberta Nascimento Antunes. **Educação Especial da Criança com Síndrome de Down**. Rio de Janeiro, 2002.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- KIBRIT, Bruna. **Possibilidades e desafios na inclusão escolar**. Rev. Latinoam. Psicopatol.fundam. [online]. 2013, vol. 16, n.4.
- CAVANELLAS, Luciana Bicalho. **Psicologia e compromisso social – educação inclusiva: desafios, limites e perspectivas**. SCIELO.
- LOURENÇO, Érika. Educação inclusiva: uma contribuição da história da psicologia. SCIELO.
- ANHÃO, Patrícia P. Gomes; PFEIFER, Luzia Iara; SANTOS, Jair Lício. **Interação social de crianças com Síndrome de Down na educação infantil**. SCIELO.
- DIAS, Adelaide Alves. **Educação moral e autonomia na educação infantil: o que pensam os professores**. SCIELO.
- CARVALHO, José Sérgio. **A liberdade educa ou a educação liberta? Uma crítica das pedagogias da autonomia à luz do pensamento de Hannah Arendt**. *Educ. Pesqui.*, Dez 2010, vol.36, no.3.
- HOBSBAWM, Eric. **Da história social à história das sociedades**. In: *Sobre História*. São Paulo: Ci. Das Letras, 1998.

DECHICHI, Claudia; SILVA, Lázara Cristina; FERREIRA, Juliene Madureira (Orgs.). **Educação Especial e Inclusão Educacional: formação profissional e experiências em diferentes contextos**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

FENELON, Déa. **A formação do historiador e a realidade do ensino**. *Projeto História*. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Guados em História e Departamento de História. PUC-SP. ago. 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 28. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 2011.

MENEZES, Gilda. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.